



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento

CONTRIBUIÇÕES DA GESTÃO LADISLAU NETTO NO MUSEU NACIONAL *LADISLAU NETTO MANAGEMENT'S CONTRIBUTIONS TO THE NATIONAL MUSEUM*

Almiraci Dantas dos Santos – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Maria de Lourdes Lima – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O artigo responde ao objetivo de investigar a gestão de Ladislau Netto no Museu Nacional, entre 1870 e 1893, por meio de uma revisão de literatura. Desse modo, conclui-se que suas ações são objetos da implementação dos Regulamentos de 1876, 1888 e 1890, articulados à criação de cursos e concursos públicos, da revista *Arquivos*, das expedições científicas atreladas à exposição e ao colecionismo. Esse conjunto consolidou o Museu Nacional, cujo ápice remete à *Exposição Antropológica Brasileira* de 1882 e ao reconhecimento da instituição no Brasil e Ocidente, além de abrir caminhos para os estudos da Antropologia e do Indigenismo no país.

Palavras-Chave: Ladislau Netto; Museu Nacional; gestão.

Abstract: The article responds to the objective of investigating the administration of Ladislau Netto at the Museu Nacional, between 1870 and 1893, through a literature review. Thus, it can be concluded that their actions are objects of the implementation of the Regulations of 1876, 1888 and 1890, articulated with the creation of courses and public competitions, of the *Arquivos* magazine, of scientific expeditions linked to exhibitions and collections. This set consolidated the National Museum, whose apex refers to the Brazilian Anthropological Exhibition of 1882 and the recognition of the institution in Brazil and the West, in addition to opening paths for the studies of Anthropology and Indigenism in the country.

Keywords: Ladislau Netto; National Museum; management.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se a uma seção da dissertação sobre Ladislau Netto no Museu Nacional (MN), cuja proposta foi a de investigar a prática da gestão do botânico e cientista Ladislau de Souza Mello e Netto (1838–1894), quando diretor do MN, entre 1870 e 1893, por

meio das suas contribuições em favor das pesquisas científicas e da gestão institucional, dos regulamentos de 1876, de 1888 e de 1892, da criação da revista *Arquivos*, da implantação de concursos e de cursos públicos no MN, bem como da organização de expedições científicas no Brasil, para a formação de acervos genuinamente brasileiros, os quais subsidiaram as duas famosas exposições, a saber: a *Exposição Antropológica Brasileira*, de 1882, e a participação do Brasil na *Exposição Universal e Internacional de Paris*, em 1889.

No século seguinte, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1968, retoma o ato fundador, quando da criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, preocupação também presente no inquieto botânico e gestor Ladislau Netto, cujo olhar também voltou-se para a Antropologia, a Etnologia e a Arqueologia, respectivamente, entre os anos de 1876 e 1889. Tudo isso, acoplado à publicação da revista *Arquivos e à participação do MN na Exposição Universal de 1889*. Essa disponível no *site* do Museu Nacional, até o ano de 2010.

2 A GESTÃO DE LADISLAU NETTO NO MUSEU NACIONAL

Ladislau Netto, aos 28 anos de idade, por convite do imperador Dom Pedro II, assume a direção da Seção de Botânica do Museu Nacional em 1866. À época, a direção geral do Museu Nacional estava sob a administração do Conselheiro Francisco Freire Alemão. Do ponto de vista de Duarte (1950), havia uma relação entre Ladislau Netto e Freire Alemão de mútua camaradagem, o que possibilitou a Ladislau Netto a assinatura do expediente do Museu, como auxiliar na direção geral, a partir de 3 de dezembro de 1870. Nesta ocasião, o jovem auxiliar fazia do Museu um centro de atividades e “[...] *todas as seções recebiam o influxo de suas ideias e de seu mando*” (DUARTE, 1950, p. 115, grifos nossos). O que não se confunde com **comando**, mas com articulação e com coordenação.

Na perspectiva de Duarte (1950), a sua efetivação como diretor geral resultou em uma tarefa árdua, pois pretendia tornar o Museu um centro de pesquisa e de estudos para acompanhar a evolução da ciência, proporcionando a produção científica no país. Inicia sua gestão pela formação de acervo institucional nos moldes de uma política museal nacional, a princípio, por meio de solicitações de doações em publicação no *Jornal do Comércio*, assim como as doações e os intercâmbios entre instituições norte-americanas e das diversas províncias do Brasil. Uma das doações foi o meteorito de Bendegó¹, encontrado na província

¹ O meteorito de Bendegó resistiu ao incêndio sofrido pelo Museu Nacional em setembro de 2018.

da Bahia, em 1784. O mineral, ainda hoje, compõe a coleção do MN. Em síntese, Ladislau Netto, segundo Lopes (1997), estabeleceu, durante o período em que esteve como diretor efetivo do Museu Nacional, três Regulamentos com a finalidade de organizar o funcionamento, as ações e as pesquisas da Instituição. O primeiro Regulamento foi instituído em 1876; o segundo, em 1888; o terceiro, em 1890.

No Regulamento de 1876, instituído pelo Decreto nº 6.116 de 9 de fevereiro, o MN objetivava estudar a “História Natural, particularmente do Brasil [...] ensino das ciências físicas e naturais, sobretudo em suas aplicações à agricultura, indústria e artes” (LOPES, 1997, p. 159). Neste Regulamento, é instituída não somente a criação da revista *Arquivos* do Museu Nacional, como foram instalados cursos públicos gratuitos e a seleção de técnicos por meio de concurso público.

No Regulamento de 1888, doze anos após o primeiro Regulamento, aprovado por meio do Decreto nº 9.942 de 25 de abril, a finalidade de 1876 é mantida, porém dá lugar à 4ª seção para estudos de Antropologia, de Arqueologia e de Etnografia, além de transformar os cursos regulares em conferências públicas. Já o Regulamento de 1890 foi aprovado por meio do Decreto nº 379-A de 08 de maio, cuja finalidade se definiu em “[...] estudar a história natural do globo e em particular do Brasil”, assim como reunir e classificar suas produções naturais por meio dos “[...] métodos mais aceitos nos grêmios científicos acompanhadas de indicações quanto possíveis explicativas ao alcance dos entendidos e do público” (LOPES, 1997, p. 159).

Entre as alterações estabelecidas, é possível notar as mudanças nos nomes das seções, tanto por concepção científica como pelo acréscimo de novas disciplinas. A exemplo do Regulamento de 1876, as seções se organizavam deste modo: 1ª seção: Antropologia, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal; 2ª seção: Botânica Geral e Aplicada, Paleontologia Vegetal; 3ª seção: Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral. Enquanto, no Regulamento de 1888, as seções foram reorganizadas com esta base: 1ª seção: Zoologia, Anatomia e Embriologia; 2ª seção: Botânica; 3ª seção: Mineralogia, Geologia e Paleontologia; 4ª seção: Antropologia, Etnologia e Arqueologia. Apesar disso, o Regulamento de 1890 trouxe pouca inovação, permanecendo a mesma organização na parte estrutural, apenas acrescido dos horários de trabalhos dos funcionários e da afirmação de ser um Museu Nacional, Metropolitano e Universal. A implantação da 4ª seção no Regulamento de 1888 dinamizou os estudos sobre Antropologia, Etnologia e Arqueologia, sob recomendações de Ladislau Netto. Conforme Lopes (1997, p. 174, grifos

nossos), a concepção de Mello e Netto “[...] sobre essas áreas de saber era a do seu tempo e apontava para uma questão na qual, nos próximos anos, se envolveriam profundamente nossos diretores de museus – *o extermínio de indígenas*”.

Isso não ocorreu somente por paixão, mas também pela consciência de que, enquanto diretor do Museu Nacional, tinha, por missão, estudar os índios brasileiros desde suas origens até o presente, levando-se em consideração a riqueza identitária dada ao Brasil por seus costumes e por suas crenças, por vezes, identificados por meio dos estudos no Museu como uma representação material da cultura indígena, quicá de raízes brasileiras. Em síntese, esta pesquisa sobre Ladislau Netto nos leva a considerá-lo um provável precursor da valoração da cultura indígena brasileira, o que destaca o seu pioneirismo no plano acadêmico e institucional do indigenismo, nos marcos das políticas públicas do Brasil.

A considerar o exposto, logo passamos a relacionar as três ações que consolidaram a gestão de Ladislau Netto no Museu Nacional, na produção do conhecimento científico e sociocultural implícita na criação da revista *Arquivos* e no estabelecimento dos fluxos e de usos da Informação, que repercutiram nos intercâmbios da revista com as demais instituições culturais e científicas do Brasil e do mundo, assim como na implantação dos cursos e dos concursos públicos e na mediação da informação por meio da Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e da Exposição Internacional de Paris de 1889.

2.1 OS CURSOS E OS CONCURSOS PÚBLICOS

Estes foram implantados pelo Regulamento de 1876, os quais cabiam ao Conselho Diretor do museu organizar e ministrar. Cada diretor de seção ministrava, no mínimo, uma aula por semana, de acordo com sua área de estudo e com sua profissão. Esses cursos eram livres e abertos a toda sociedade. Eram ofertados cursos de Ciências Naturais, de Botânica e de Zoologia, de Geologia, de Antropologia e de Mineralogia.

Por meio dos concursos públicos, também instituídos pelo Regulamento de 1876, foram contratados naturalistas estrangeiros para ocupar alguns cargos do Museu conferindo à instituição um grau de desenvolvimento científico que marcou a gestão de Ladislau Netto, na visão de Lacerda (1905, p. 37), como a “idade de ouro”.

2.2 A REVISTA *ARQUIVOS* DO MUSEU NACIONAL

A revista *Arquivos* também nasceu impulsionada pelo Regulamento de 1876 e tornou-se a primeira revista especializada em Ciências Naturais no Brasil, conforme previsto no cap.

IV, art. 19, do mesmo documento. Sua finalidade se baseava em dar “[...] conta de todas as investigações e trabalhos realizados no estabelecimento, das notícias nacionais ou estrangeiras que interessarem às ciências de que se ocupa o Museu [...]” (MUSEU NACIONAL, 1876).

Duarte (1950, p. 131) considera que “[...] foi através da revista que o Museu se projetou no mundo científico, universalizou-se [...]”. Não era uma revista popular de divulgação, mas de cunho científico e técnico. De acordo com Agostinho (2014), a revista foi uma importante ferramenta, não somente consagrou o Museu Nacional enquanto espaço de produção e estudos científicos especializados, ascendendo à ciência no Brasil, mas cuidou de reverberar os autores contemplados com artigos na revista alcançando os países europeus e adjacentes, na medida em que servia de veículo de difusão e de repositório dos trabalhos dessa instituição.

De acordo com Vergara (2003, p. 58), foi “[...] durante muito tempo o único veículo de difusão no estrangeiro das ciências no Brasil [...]”, e sua distribuição era feita de forma gratuita entre muitas instituições acadêmicas; em diversos países, fez-se uso da permuta, o que facilitou o crescimento e a diversificação do conhecimento de forma exponencial do acervo da biblioteca do Museu Nacional.

Conforme Agostinho (2014), a revista *Arquivos* do Museu Nacional recebe esse nome como afirmativa da identidade de seus produtores fazendo referência ao Museu Nacional como instituição brasileira, situando o leitor sobre a importância da memória nacional. Em língua nacional, visava ao intercâmbio, à acumulação e à difusão da memória documental e ao ato de se fazer ciência, no apagar das luzes da Era Imperial, no Brasil.

Na gestão de Ladislau Netto, foram publicados oito volumes, porém o que teve maior alcance, como diz Agostinho (2014, p. 63), “o brilhante jubileu científico”, foi o volume 6, publicado, especialmente, sobre a Exposição Antropológica Brasileira. Seus 112 artigos faziam relação com a Antropologia, com a Arqueologia e com a Etnologia. Como resultado do cumprimento do seu papel de veículo de difusão das pesquisas científicas, realizadas pelo Museu Nacional em 1886, a distribuição da revista *Arquivos* compreendia um total de oitocentos exemplares enviados para bibliotecas e para museus no exterior, quando, como permuta, eram recebidas as publicações de, aproximadamente, 52 cidades de todo o mundo.

Logo a revista estabeleceu uma rede social de intercâmbio e de conhecimento entre os pesquisadores, configurando-se como uma ferramenta de difusão científica no processo, tanto por validar e por dar visibilidade às produções e aos seus autores oriundos do Museu Nacional, como por servir de respaldo legal de guarda do conhecimento produzido na instituição. Eis o certificado das relações que permeavam a produção social de conhecimento, à época, entre o Museu Nacional e a comunidade científica internacional, sob a liderança do alagoano Ladislau Netto.

2.3 AS EXPEDIÇÕES E EXPOSIÇÕES NO MUSEU NACIONAL

As expedições científicas apresentaram-se como objeto de estudo realizadas durante a gestão de Ladislau Netto. Assim, a primeira excursão aconteceu em 1877, objetivando um estudo científico sobre o Nordeste do Brasil, precisamente, a natureza e o homem do Baixo São Francisco, a existência, *in loco*, de cemitérios indígenas às margens do rio. Nesse ano, acontecia, de Alagoas ao Ceará, uma seca, que se tornou histórica e se propagou feito um flagelo. A seca foi rigorosa com os sertanejos. Nesse sentido, Piranhas e Penedo, cidades ribeirinhas alagoanas mais populosas à época, onde a seca assolava a terra com doença, com sede e com fome (DUARTE, 1950) foram as cidades mais atingidas.

Na província de Alagoas, na visão de Duarte (1950), Ladislau Netto, como cientista, fez uma descrição geológica da zona ribeirinha do rio São Francisco, assim como registrou dados sobre o clima de Penedo, comparando-os ao de Maceió. Não conseguindo realizar seu objetivo, embarcou em Penedo no vapor Jequiá, em 10 de janeiro de 1878, para a cidade de Maceió, ficando hospedado na casa de parentes à rua do Rosário (prédio localizado na Ladeira do Brito, Centro). Finalmente, seguiu para o Rio de Janeiro, no vapor Espírito Santo, em 18 de janeiro de 1878. Em síntese, o objetivo era reunir artefatos arqueológicos, por isso seguiu outra expedição científica, em janeiro de 1882, desta vez para a região Norte, passando primeiro pelo estado do Amazonas, onde realizou exumação no Pacoval² — Ilha de Marajó. Depois prosseguiu viagem para a região Sul, ocupando-se de pesquisas sobre os sambaquis³. O estudo realizado durante essas excursões, assim como o material coletado, serviram para

² Pacoval – Extensa lombada de terra cortando o lago Arary, encontrado na região do Amazonas, possuindo o aspecto de um jabuti.

³ Ver: Estudos sobre os sambaquis do Sul do Brasil, de autoria de Carlos Wiener – publicado na revista *Arquivos do Museu Nacional*, vol. 1, 1876.

compor os acervos tanto da Exposição Antropológica Brasileira de 1882, quanto da Exposição Universal de Paris de 1889.

Então, esta pesquisa utiliza-se de Meneses (1994, p. 24), que observa a exposição a partir de um olhar cujo “[...] objeto aparece fundamentalmente como suporte de significações que a própria exposição propõe [...]”. Dessa forma, mostra que o caráter da exposição implica na convenção visual organizada com a finalidade de produzir sentidos. Neste caso, uma exposição em um museu com características históricas e antropológicas, conforme o Museu em estudo, jamais seria objeto de uma “[...] exibição neutra ou literal de artefatos”, pois “[...] a exposição museológica pressupõe, forçosamente, uma concepção de sociedade, de cultura, de dinâmica cultural, de tempo, de espaço de agentes sociais” (MENESES, 1994, p. 25).

Portanto, as considerações de Meneses (1994) corroboram os sentidos presentes na organização das coleções e a visibilidade da exposição. Esta, por sua vez, engendra as ações responsáveis pela produção e pela difusão do conhecimento no que tange à história natural e à antropologia social. A análise do museu oitocentista, cujo foco recai sobre o Museu Nacional, lança luzes sobre suas exposições que, por sua vez, serviram de vetores para a consolidação dos estudos científicos no Brasil.

No âmbito deste estudo, foi feito um apanhado histórico das duas exposições mais relevantes do Museu Nacional. A primeira, por ordem cronológica, foi a Exposição Antropológica Brasileira; a segunda, a Exposição Universal Internacional de Paris, ambas ocorridas durante a gestão de Ladislau Netto como diretor do Museu Nacional. Sendo assim, a Exposição Antropológica Brasileira acontece dentro do Museu Nacional, em 29 de julho de 1882, como proposta de aproximar a sociedade da instituição (DUARTE, 1950).

Para a exposição de 1882, o Museu Nacional publicou um *Guia* (1882), no qual as peças que constituíram a exposição foram mencionadas de modo a fornecer detalhes dos artefatos, das gravuras, das estampas, dos quadros e das fotografias, sendo o objetivo desse evento reunir um conjunto de documentos etnográficos, em um só repositório público, o Museu Nacional.

Para Lopes (1997), a exposição teve duração de três meses, com uma grande repercussão internacional. As inferências, por parte de Duarte, em seus estudos divulgados em 1950, são reiteradas por Lopes (1997) e confirmadas por Dantas (2012, p. 141), quando conclui “[...] a Exposição Antropológica Brasileira realizada no Museu Nacional em 1882 por Netto consagrou a área e divulgou o acervo etnográfico brasileiro além das fronteiras do país”.

Este evento representou, para Dantas (2012), o ponto de partida para o fortalecimento de Mello e Netto com a área de Antropologia. Diante do exposto, pode-se dizer que os objetos aliados à determinação do diretor do Museu foram alcançados.

Já a descrição da participação do Brasil, por meio do Museu Nacional, na Exposição Universal e Internacional de Paris, em 1889, neste trabalho, valeu-se de documentos do Museu Nacional que foram objetos do sinistro de 2018, porém reproduzidos por meio das leituras de Dantas (2012), por meio da tese referente à *Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia?*, além do periódico *O Auxiliador* encontrado na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

A Exposição Universal Internacional de Paris iniciou em 6 de maio de 1889 e terminou em 31 de outubro do mesmo ano. Ao término da Exposição, conforme o periódico brasileiro *O Auxiliador da Indústria Nacional*⁴ (v. 57, n. 11, nov., 1889, p. 243-254), alguns expositores brasileiros receberam recompensas sob a forma de medalhas, de prêmios e de menção honrosa. A representação do Brasil na Exposição Universal deu-se por meio dos acervos da seção de Botânica, das coleções de madeira e de minerais, no Pavilhão do Brasil e na Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia, em conjunto com os acervos da seção de Antropologia, de Arqueologia e de Etnografia, apresentando os artefatos dos índios brasileiros, em sua maioria, da região amazônica (DANTAS, 2012).

Para a descrição do acervo da seção de Mineralogia, Dantas (2012) não identificou, nos documentos da Seção de Memória e Arquivos do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SEMEAR/MN-UFRJ), suas saídas para a Exposição Universal, porém encontra-se o registro do envio de uma réplica em madeira do meteorito de Bendegó, para compor o acervo em exposição. Para esta exposição, “[...] não existe descrição detalhada sobre os minerais da instituição, consta apenas minerais do Museu Nacional” (DANTAS, 2012, p. 114). Segundo o periódico *O Auxiliador* (v. 57, n. 11, nov., 1889, p. 246), o acervo de minérios recebeu a premiação de medalha de prata pela Exposição Universal de 1889. Na visão de Dantas (2012), na Exposição Universal de 1889, o Museu Nacional fez-se representar na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana, na Casa Inca, chamada de Pavilhão da Amazônia. Sob a coordenação de Ladislau Netto, foram expostos artefatos indígenas brasileiros, em um total de 190 itens.

⁴ Periódico pertence à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional/SAIN, fundada em 1827, e, em 1904, sua nomenclatura foi substituída por Centro Industrial do Brasil.

Ainda em sua gestão, Ladislau Netto implementou, no Museu Nacional, o Laboratório de Fisiologia Experimental em 1880, mas sua última e grande iniciativa foi conseguir a transferência do Museu por meio do decreto presidencial, nº 776-A, de 08 de março de 1892, para o antigo palácio, residência oficial da família real, localizado na Quinta da Boa Vista, no bairro de São Cristóvão, concluindo, oficialmente, a transferência em 25 de julho do mesmo ano (SILVA; KUBRUSLY, 2012). Sua gestão finda depois de 27 anos de trabalho. Em 08 de fevereiro de 1893, solicita a sua aposentadoria, concedida em 28 de dezembro de 1893.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos marcos desta investigação, as ações de Ladislau Netto representam uma sinalização para futuros gestores, com foco na Ciência e na História da Gestão Pública. O pressuposto é o de que a sua trajetória científica na Europa e as suas vivências em terras brasileiras lhes serviram de balizas para serem aplicadas, com exclusividade, no Brasil, quando assumiu a direção do Museu Nacional.

As contribuições de Ladislau Netto, enquanto gestor público, confirmam-se pela exímia capacidade de investir na busca do conhecimento científico em todas as frentes. Como prova disso, o presente artigo apresenta a implementação dos Regulamentos de 1876, de 1888 e de 1890; a implantação dos cursos e dos concursos públicos; a criação da revista *Arquivos*; as expedições científicas como um dos meios de constituir o acervo museológico do Museu Nacional, a fim de caracterizar a sua brasilidade, isto é, por meio de uma ação impulsionada pela *Exposição Antropológica Brasileira* de 1882, a qual possibilitou a consagração da instituição no Brasil e na Europa, além de abrir caminhos para os estudos da Antropologia e do Indigenismo brasileiro.

Por último, conclui-se que o Museu Nacional, com os seus vestígios e com as suas marcas de uma história passada, apresenta-se, neste momento, com um duplo desafio: o de que o Estado brasileiro, a par das condições efetivas, em combinação com as instituições nacionais, devolva-o à sociedade, cerzindo, de modo ininterrupto, o que restou da dor, da ferida, da fratura, da cicatriz e do trauma, de forma que, no *continuum* do tempo histórico, concomitante e paulatinamente, possa-se preencher os espaços vazios deixados pela implosão de uma tragédia, que, em conformidade com a documentação, objeto deste estudo, fez-se anunciar de modo indelével e categórico.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Michele de B. **O Museu em revista: a produção, a circulação e a recepção da revista Arquivos do Museu Nacional (1876-1887)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

DANTAS, Regina M. M. C. **Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia?** a participação do Museu Nacional na exposição universal internacional de 1889 em Paris. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

DUARTE, Abelardo. **Ladislau Netto (1838-1894)**. Maceió: Imprensa Oficial, 1950.

LACERDA, João B. de. **Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1997.

MENESES, Ulpiano T. B. de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, N. Ser., p. 9-42, jan./dez., 1994.

MUSEU NACIONAL (Brasil). **Guia da Exposição Antropológica Brasileira**. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuringer, 1882. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/obrasraras/documentos.html>. Acesso em 12 abr. 2020.

SILVA, Paulo V. A; KUBRUSLY, Ricardo S. Era uma casa muito engraçada: o palácio de São Cristóvão, o Museu Nacional e a república. *In*: CONGRESSO DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA, 5., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2012.

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDÚSTRIA NACIONAL. **O auxiliador da Indústria Nacional**. Imprensa Nacional. v. 57, n. 11, p. 243-254, 1889. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/auxiliador-industria-nacional/302295>. Acesso em: 07 jan. 2020.

VERGARA, Moema de R. **A revista brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da monarquia para a república**. 2003. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003.